



RECENSÃO

*Filhos da Terra. Identidades Mestiças
nos Confins da Expansão Portuguesa,*
de António Manuel Hespanha,
por Rosa Maria Perez

Análise Social, LIV (2.º), 2019 (n.º 231), pp. 411-413

<https://doi.org/10.31447/AS00032573.2019231.08>

ISSN ONLINE 2182-2999

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Av. Professor Aníbal de Bettencourt, 9
1600-189 Lisboa Portugal — analise.social@ics.ul.pt



HESPANHA, António Manuel
*Filhos da Terra. Identidades Mestiças nos Confins
da Expansão Portuguesa,*
Lisboa, Tinta-da-China, 2019, 366 pp.
ISBN 9789896714765

Rosa Maria Perez

A leitura de *Os Filhos da Terra* constitui um permanente exercício de sedução, iniciado desde o início pela metodologia adoptada, pouco ciosa dos limites e das especificidades de uma abordagem histórica, num envolvimento crítico com outras possibilidades de leitura, sobretudo antropológica. A definição do objecto tem a segurança e a lucidez de um observador experiente: os sistemas que construímos enquanto tal, como sistemas, conjuntos de relações entre elementos diferentes entre si, não resultam da natureza desses sistemas, mas, diz-nos António Manuel Hespanha, eles decorrem da “forma como antecipadamente os imaginámos” (p. 13). Por isso, o objecto de estudo tem, sugere-nos, um “carácter inevitavelmente construído” (p. 270). Eis o que, sendo enunciado no terreno da história, confere uma adequação muito particular ao objecto de estudo antropológico.

Efectivamente, tal como os historiadores, os antropólogos constroem o seu objecto, munindo-se de um sistema de classificações. Ora, mais do que classificar a diversidade dos “portugueses” das margens do império, este livro sugere a sua desclassificação, enquanto um sistema aberto que atribui, além de pluralismo

lógico, pluralismo social e político aos grupos encontrados. O entendimento desses grupos – e do império – implica prescindir de um olhar que tem marcado os estudos sobre a expansão e que, mais do que as diferenças, procura e projeta os traços distintivos da portugalidade. Uma fixação que, cito, é o “produto de uma pré-compreensão do observador, que isola, descontextualiza e sobrevaloriza certas características dos observados” (p. 36).

Ashys Nandy, no ensaio *History’s Forgotten Doubles* afirmou que “Unlike the anthropologists, the subjects of history are dead, because they cannot speak” (Nandy, 1995, p. 61). Ora, *Os Filhos da Terra* dão voz e vida a essa mudez do passado, dão voz e vida a esses sujeitos da história que o autor aborda a partir das margens dos sistemas sociais e políticos. As pessoas e grupos que nos é dado observar e cujo espaço, de África ao Sudeste asiático, recobre a cartografia da expansão, não circulam nem se fixam nos canais formais. Eles movimentam-se e estabelecem-se – que não no sentido territorial do termo – nessa mancha a que Georges Winius chamou “império sombra”. Uma sombra que, sem que o autor alguma vez o afirme, vai sendo

progressivamente preenchida e corporizada. Além disso, os “portugueses”, sempre escritos entre aspas, que constituem as memórias históricas e antropológicas das margens, adquirem no livro uma espessura e uma densidade – social, económica e política – que insinua que, em muitos dos contextos analisados, mais do que os portugueses sem aspas foram eles que materializaram culturas que perduraram, frequentemente mestiçadas. Dou o exemplo do papiamento, um crioulo com muitos vestígios de português, falado por cerca de 250 mil pessoas nas ilhas de Curacao, Bonaire e Aruba, e identificado desde o século XVII. Acontece que a maior parte dos jornais de Curacao é publicada em papiamento, tal como as rádios locais e a televisão. Acresce que, oficializado em 2007, como o holandês e o inglês, o papiamento é admitido nos debates parlamentares (p. 69).

Este império nas margens que António Manuel Hespanha analisa “against the grain” permite-nos focar nas instâncias onde a linha que separa colonizados e colonizadores é desfocada ou mesmo controversa. Como ele põe em evidência ao longo do livro, as fronteiras são sempre criadas, mais do ponto de vista de quem observa do que quem é observado.

A travessia do império conduz ainda António Manuel Hespanha ao questionamento das grandes dicotomias com base nas quais ele tem sido pensado: a oposição entre colónia e metrópole, colonizador/colonizado, e mesmo colonial/pós-colonial. António Manuel Hespanha convida-nos a desconstruir tanto essas dicotomias, analiticamente muito

cómodas, como as continuidades que geralmente são identificadas no interior dos seus polos. Na verdade, somos progressivamente postos perante grupos extremamente heterogéneos, descontínuos e fraturados no seu interior, que usam e manipulam os poderes instalados, institucionais, à medida dos seus interesses comerciais, grupos que são mediadores entre outros grupos e agentes constantes de diálogo social e cultural. Eles evidenciam estruturas que coexistiram com o império e que o repudiaram ou o integraram em diferentes escalas de negociação, a natureza do poder e dos poderes nativos e a sua intersecção com o poder colonial, as formas de colonização locais, que em muitos contextos se expandiram para lá do final cronológico do colonialismo. Através desta etnografia do império, António Manuel Hespanha permite-nos, assim, identificar as categorias indígenas, formas de afinidades e de antagonismo, negociações endógenas e exógenas de cultura e de poder. Ao mesmo tempo que nos estimula a questionar convenções narrativas que tenderam a cristalizar os dados em estruturas opostas e descontínuas, e nos desafia a conceber discurso e realidade como mutuamente constitutivos.

Com os seus filhos da terra, António Manuel Hespanha convida-nos, sistematicamente, a decentralizar o olhar, a evitar as armadilhas de uma visão marcadamente metropolitana (estou a evitar, obviamente, terminologia gasta do eurocentrismo) e a dar atenção aos fenómenos locais que as narrativas coloniais não integraram, a estar atento

ao que Gruzinski chamou os *middle-grounds*, para os quais convergem concepções do mundo, estratégias de apropriação e de resistência, lugares onde nasceram grupos e sociedades sem precedentes na história e onde se produziram os mecanismos para os reprimir e domesticar (Gruzinski, 2004, p. 115).

Li devagar este livro, como quem teme que acabe inesperadamente. Li e reli algumas passagens, espreitei as entrelinhas, deslumbrada por essas personagens que, às vezes, usam chapéuzinhos, outras vezes “go native” e voltam a aparecer em margens onde não suspeitava que existissem. É esta a minha melhor sugestão de leitura para os *Filhos da Terra*, também chamados da Índia, ou do Chão: que o leiam pausadamente, ao ritmo desta escrita plena de vivacidade, e se deixem

levar por, para, essas malhas que o império não teceu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GRUZINSKY, S. (2004), *Les quatre parties du monde: une histoire d'une mondialisation*, Paris, Éditions de la Martinière.

NANDY, A. (1995), “History’s Forgotten Doubles.” *History and Theory*, 34(2), pp. 44–66.

PEREZ, R.M. (2019), *Recensão “Filhos da Terra. Identidades Mestiças nos Confins da Expansão Portuguesa*, Lisboa, Tinta-da-China, 2019”. *Análise Social*, 231, LIV (2.º), pp. 411-413.

Rosa Maria Perez » rosa.perez@iscte.pt » CRIA, ISCTE-IUL » Avenida das Forças Armadas — 1649-026 Lisboa, Portugal » <https://orcid.org/0000-0002-9648-2416>.
